

VIII CONGRESSO INTERNACIONAL DE CONVERGENCIA, MOVIMENTO LACANIANO PARA A  
PSICANÁLISE FREUDIANA

QUAL ÉTICA PARA A PRÁTICA PSICANALÍTICA NA ATUALIDADE?

Barcelona, 24;25;26 e 27 de maio de 2023

**Enrique Rattín**

**"Ética do real, poética e política do ato analítico"**

Lacan, em 1967, propôs uma falha de pensamento em relação ao horror, do "que se desenvolverá como resultado da reelaboração dos agrupamentos sociais pela ciência", previu uma universalização e uma "extensão cada vez mais dura dos processos de segregação" contemplados pelos meios da ciência e que a clínica nos permite vislumbrar "novos sintomas", em relação ao contexto da nossa modernidade.

Esses avanços da ciência se refletem não apenas em um mal-estar na e da cultura, mas também em uma prática cada vez mais difundida de segregação, racismo e ódio. Então, que ética para a prática psicanalítica hoje?

Hoje enfrentamos a segregação e o racismo. É o ódio às versões do *jouissance* organizadas por outros discursos. Cada discurso prefere a si mesmo, sua própria moralidade e se justifica como o melhor. Segundo Lacan, cada discurso contém seu narcisismo e somente a partir de outro discurso se pode interpretar o que acontece em um laço social. Em 1973, ele anunciou que o racismo era sobre o tratamento do *jouissance* e sua rejeição a partir de uma base construída sobre uma lógica paranoica.

"Na perplexidade do nosso *jouissance*, só há o Outro que o situa, mas é assim na medida em que estamos separados dele. Daí os *fantasmes* inéditos, quando não misturados. Deixar esse Outro seu próprio modo de *jouissance* é o que só poderia ser feito não impondo-lhe o nosso, não tendo-o

como subdesenvolvido. [...] Deus, quando recuperasse as forças, acabaria ex-sistir, o que não pressagia nada melhor do que o retorno de seu passado desastroso" Digamos então hoje, que nosso *jouissance* está fora de lugar e o *jouissance* do Outro é um problema; o que provoca o retorno de um deus sombrio que invoca o ódio.

Em "*Televisão*", ele sugere que é desprezo pelos outros, é ódio por aqueles que diferem em seu *jouissance*, que é, portanto, Outro, todo racismo implica esses dois afetos e ocorre no nível coletivo. Lacan chamou isso de "racismo dos discursos em ação". A concepção analítica do laço social postula que as raças são fabricações de discursos e de modo algum biológicas porque estão ligadas à sua consistência. Hoje tratamos da fabricação do discurso da ciência, da onipresença de seus engenhos correlata a uma "manque de *jouissance*", como ele disse em "*Radiophonie*".

Efeitos combinados do "discurso capitalista" e do "cientificismo neoliberal" tentam abandonar a dimensão do sujeito, influenciando sua relação com a linguagem que condiciona seu inconsciente. Impacto na subjetividade a partir da qual poderiam ser obtidos objetos de consumo que manteriam a ilusão de que estaríamos livres da falha que singularmente nos constitui como sujeitos.

O domínio das neurociências biológicas e cognitivas pretende estar no comando do laço social. Basta mencionar as teses sobre a etiologia orgânica multifatorial do autismo, o papel dos neurotransmissores na esquizofrenia ou o fator biológico na psicose maníaco-depressiva.

Mas o humano implica o sujeito: é o que fala do indivíduo, fala aos outros e recebe o seu ser verificando a existência do Outro, precedência lógica da linguagem sobre o sujeito. Não haverá sujeito e muito menos ele poderá falar, se a "realidade" do infans não encontrar a linguagem na forma dos discursos concretamente defendidos por seus pais, é a construção do *lalangue*, dos significantes que o representam e das palavras que o evocam.

Sua sobrevivência como sujeito falante depende do Outro: é isso que ele imaginará na formação desse Outro: paterno, divino, filosófico, ideológico ou político social. O neurótico simboliza essa necessária ancoragem no Outro na forma de uma dependência que resume o vínculo com o pai. É o que Freud inventou sob o nome de complexo de Édipo e que Lacan claramente formulou com seu Borromeo envolvendo o objeto a.

Início necessário à função social, precipitação de todas as soluções inventadas pelos homens para dar conta dessa alienação constitutiva do sujeito, que ao falar escapa das garras do Outro subvertendo seu discurso; processo de alienação-separação.

Então: como pensar a ética do laço social sem que esse vínculo se desfaça na veia das singularidades?

A questão do laço social é indissociável da estrutura do sujeito. O neurótico é o sujeito adaptado ao modernismo graças à linguagem. Em seu seminário sobre transferência, Lacan propôs uma articulação do sujeito ao social que antecipa o discurso: a sociedade funciona pela repressão, que alimenta a neurose do sujeito agindo pela *verdrängung*; mas é também o que empurra o neurótico para inovações culturais, que consistem na invenção de novos arranjos com *jouissance*, ou de novas perversões que, por sua vez, provocam uma nova repressão da sociedade, e assim por diante.

Mas a psicanálise é revolucionária na medida em que seu ato inclui o poético e sob o suporte ético do Real, dando origem a uma profunda dimensão ética que permite aliviar ou fazer desaparecer o sofrimento. É uma ética orientada para o nível subjetivo de uma responsabilidade envolvida no próprio sofrimento. Estar envolvido em relação aos próprios sintomas ao extremo máximo, é o que caracteriza uma análise. O campo do *jouissance* que daí deriva determinará a finalidade de cada cura: trata-se de um tratamento do *jouissance* e da ética que envolve tomar conta dele no singular e no social.

A coisa poética é que o sujeito é essencialmente um ser falante. Por isso, ouvir faz parte da palavra. A ressonância da palavra é algo constitucional, propôs Lacan. A partir do momento em que alguém entra em análise, prova de que aquele sujeito sempre ouviu. O sujeito com seu sintoma carrega uma alegria inscrita singularmente em sua fala, um sintoma que pode formar um laço social, ou, ao contrário, pode impedir o sujeito de estabelecer esse vínculo.

Há uma ética do real em uma análise, bem como na possível transmissão da psicanálise e da intervenção Real, Simbólica e Imaginária. Não é matemática, nem medicina, já que o *savoir y faire*, diz respeito mais a um artesão do que a um cientista. A transmissão na psicanálise é determinada por uma divisão que produz um resquício irreduzível que coloca o *lalangue* na causa, por meio da metáfora e na passagem do sentido ao absurdo. É poiesis articulada à interpretação. É a leitura da poesia que mina a noção clássica de verso, destrói a sintaxe, fragmenta a frase e pode organizar visualmente a linguagem de outra forma (*autrement*) no espaço do escrito em qualquer uma das formações do inconsciente.

A implementação da regra fundamental é uma explosão da continuidade do discurso que produz uma natureza interrompida que se revela sem funções normativas, as palavras gravitam solitárias e terríveis com o enorme peso de sua densidade semântica. É uma desarticulação da linguagem, na qual os significantes são distorcidos, multiplicados e tornados mais complexos até chegar a um certo hermetismo. Perdem-se os elos lógicos entre as palavras, que condensam uma diversidade de sentidos latentes e às vezes se organizam em um sonho, ideograficamente espaçados em diferentes direções, onde letras maiúsculas aparecem no meio da frase ou palavra. Ao mesmo tempo, a ortografia torna-se idiossincrática, neologismos e registros coloquiais surgem em contextos inesperados para imprimir a singularidade idiomática à poética de cada inconsciente.

A coisa política do ato analítico é que, em toda análise, trata-se do contingente. Podemos distinguir aquelas proposições que são sempre verdadeiras chamadas necessárias, daquelas que às vezes

podem ser verdadeiras e às vezes falsas, que chamamos de contingentes. Para a psicanálise, a contingência é vista positivamente, pois é a ausência de necessidade, enquanto, para os filósofos, a contingência é vista negativamente. Contingência significa não ser tomado completamente na ordem da necessidade.

Fatores contingentes na transferência produzem um desvio da necessidade. O analista tem uma iniciativa de criação na direção de seu desejo e o analisado assume o risco de deixar a repetição se introduzir. A responsabilidade ética pela transferência é o ponto crucial. A vida pulsional pode, assim, ser reorganizada, a partir da mobilização, da escolha e da criação de fatores contingentes.

A prática da psicanálise é uma possibilidade de reflexão sobre contingência e responsabilidade. É ético tomar a relação transferencial como cenário da observação do contingente, da especificidade das relações do sujeito com seu gozo, como fruto daquele primeiro encontro do corpo com o significante fálico que resultou em um corpo sexuado ao encontro com outro ser sexuado.

Uma análise leva a um esgotamento de certos *jouissances*, possibilitando que a função de desejo do analisado surja e seja colocada em ação no analisador. O ético é que há uma responsabilidade inconsciente compartilhada entre esses dois lugares de transferência, uma transposição das dificuldades da vida amorosa no espaço de cada cura.

**Montevideo, marzo de 2023**

**erattin952@gmail.com**